

BULLYING NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: ANÁLISE DE CASOS SOB A ÓTICA DOCENTE

BULLYING IN PHYSICAL EDUCATION CLASSES: ANALYSIS OF CASES THE PERSPECTIVE OF TEACHERS

Jéssica Gomes de OLIVEIRA¹, Juliana da SILVA¹, Cláudia Cristina Fiorio GUILHERME², Maria Elisete BRIGATTI³

¹Graduanda do curso de Educação Física da FHO|Uniararas.

²Doutora em Educação Escolar, docente dos cursos de Pedagogia e Educação Física da FHO|Uniararas.

³Mestre em Educação Física, docente do curso de Educação Física da FHO|Uniararas.

Autor responsável: Jéssica G. de Oliveira, Endereço: Rua Jamil Malis, 176, nº 176. Bairro Jd. Guaçuano. Mogi Guaçu – SP

CEP 13606-280 - Email: jessica100prepink@hotmail.com

RESUMO

Bullying é uma palavra de origem inglesa, utilizada para descrever atos de violência física ou psicológica, intencionais e repetidos, praticados por um indivíduo ou grupo, com o objetivo de intimidar ou agredir outro indivíduo. Essas agressões podem acontecer de duas maneiras: verbal e/ou fisicamente, e ambas podem acarretar danos irreparáveis às vítimas, ocasionando prejuízos à saúde física e mental tanto no presente quanto no futuro dessas pessoas. Este trabalho teve como objetivo descobrir se existem casos de *bullying* nas aulas de Educação Física, quais os tipos e a frequência com que eles acontecem, para se saber a atitude dos professores diante desses casos. Este estudo foi desenvolvido com uma pesquisa bibliográfica e de campo, de natureza qualitativa, de método descritivo, utilizando-se como instrumento de coleta de dados um questionário estruturado, respondido por 16 professores de Educação Física, em um período de quatro semanas em seis diferentes escolas públicas e privadas. Os resultados obtidos mostram que são frequentes as ocorrências de *bullying* no decorrer das aulas de Educação Física, que os professores estão cientes das agressões e de suas consequências e que eles têm encaminhado esses casos à direção, para que sejam tomadas as providências cabíveis.

Palavras-chave: *Bullying*; Educação Física Escolar; Violência Escolar.

ABSTRACT

Bullying is a word of English origin, used to describe acts of physical or psychological violence, intentional and repeated, practiced by an individual or group, in order to intimidate or harm another individual. These attacks can be given in two different ways: orally and / or physically, and both can cause irreparable damage to the victims, causing losses in their lives, both present and future, as well as damage to physical and mental health. This study aimed to find out if there are instances of *bullying* in physical education classes, the types and how often they happen to know the attitude of teachers with these cases. This study was carried out a literature search and field, qualitative, descriptive method, using as an instrument of data collection a structured questionnaire in 16 physical education teachers in a period of four weeks in six different public and private schools. The results show that there are frequent instances of *bullying* during the lessons of physical education, and that teachers are aware of the attacks and their consequences, and has addressed these cases the direction, so this can make reasonable arrangements.

Key Words: *Bullying*; Physical Education; School Violence.

INTRODUÇÃO

Um grave problema vem sendo insistentemente mostrado dia após dia nos noticiários¹. Há algumas décadas não era tão notável como nos dias atuais, o que tem causado grande preocupação em toda a população. Fenômeno lamentável e crescente, que ressalta a intolerância e a grande dificuldade em aceitar as diferenças, as manifestações de agressão no ambiente escolar tem se tornado a matéria mais difícil a ser aprendida.

Esse tipo de violência que vem se disseminando entre os escolares recebe o nome de *bullying*, que se caracteriza pela discriminação de um indivíduo.

O termo *bullying*, segundo Fante (2005), é uma palavra de origem inglesa, adotada em muitos países para definir o desejo consciente de maltratar, de tratar uma pessoa com violência.

Essas agressões podem acontecer de duas maneiras: verbal e/ou fisicamente. Ambas podem acarretar danos irreparáveis às vítimas, ocasionando, segundo Fante (2005), prejuízos à saúde física e mental tanto no presente quanto no futuro dessas pessoas (problemas relacionados ao ambiente de trabalho, à futura constituição familiar e criação dos filhos, entre outros).

Estudos de Almeida; Cardoso e Costac (2009) sobre o assunto comprovam que os alunos que convivem com situações de *bullying* podem ter inúmeros comprometimentos, como baixo rendimento escolar e problemas, quanto ao desenvolvimento social, emocional e psíquico.

Os autores afirmam ainda que, em decorrência dessa agressividade, todos os envolvidos nas situações de *bullying* têm mais chance de desenvolver transtornos psiquiátricos na vida adulta do que aqueles que não tiveram essa experiência.

Diante da preocupação com as informações a respeito do perigo dessa cruel e insana agressão, este estudo buscou levantar as ocorrências de *bullying* nas aulas de Educação Física, que, por acontecerem em um espaço muito amplo, tendem a facilitar certos tipos de violência e dificultar sua identificação pelo professor.

¹ Diversas reportagens foram exibidas em vários programas televisivos: Jornal Regional - EPTV de Campinas e São Carlos, Jornal Hoje, Jornal Nacional, Fantástico, Domingo Espetacular, Altas Horas, entre outros.

Esse comportamento cruel, inerente às relações interpessoais, as quais os mais fortes tentam coagir os mais frágeis por diversão ou prazer, por meio de brincadeiras que disfarçam o propósito de maltratar e intimidar (FANTE, 2005), será o objeto deste estudo, para que, com um conhecimento mais amplo e uma vivência mais íntima com tal realidade, os profissionais possam estar aptos ao combate e, quem sabe um dia, à resolução desse tipo de injustiça.

O *bullying* escolar foi descrito por Dan Olweus (apud CUNHA; WEBER, 2007) como uma atitude repetitiva e agressiva, com longa duração e marcada por um jogo de força e poder na forma física ou psicológica.

O autor também caracteriza *bullying* em direto e indireto. O primeiro é caracterizado por atitudes físicas que vitimam uma pessoa e o segundo, por agressão verbal.

Situações de *bullying* podem ocorrer em qualquer contexto nos quais as pessoas interajam, e, sendo a Educação Física uma disciplina em que os alunos nem sempre estão alinhados, sentados, sob o controle dos professores, o ambiente dessas aulas é propício para a ocorrência de *bullying*.

Dessa forma, torna-se importante uma pesquisa minuciosa sobre o assunto em questão para que toda a sociedade saiba da ocorrência dessas agressões nas escolas públicas e privadas no contexto das aulas de Educação Física, para que esse problema tão sério e tão crescente deixe de ser encarado como uma brincadeira inocente de criança e passe a ser visto como realmente o é: um problema grave, que causa dor, angústia e danos físicos e psicológicos muito sérios às vítimas.

Este trabalho tem como objetivo descobrir se existem ocorrências de *bullying* nas aulas de Educação Física, e, se sim, com qual frequência elas se dão, quais os tipos de agressão e quais as atitudes dos docentes nesses casos.

Utilizou-se para isso dois tipos de pesquisa: a bibliográfica, que se deu nas dependências da biblioteca da FHO|Uniararas, por meio de livros e artigos científicos para um levantamento de toda a bibliografia já publicada sobre o assunto em questão; e a pesquisa de campo, direcionada ao ambiente escolar, em especial nas aulas de Educação Física. Foram analisados arquivos de professores com o objetivo de verificar a existência de registros de *bullying*

nessas aulas. Se sim, com qual frequência eles acontecem? Verificou-se também como os professores identificam tais situações? Qual o comportamento deles nesses casos?

Com o levantamento dos dados das ocorrências desses possíveis casos de *bullying* nas aulas de Educação Física, tem-se como objetivo verificar a frequência com que eles ocorrem e a atitude dos professores diante desses casos.

MATERIAIS E MÉTODOS

Este estudo foi desenvolvido por meio de pesquisa bibliográfica, que, segundo Lakatos e Marconi (1992), consiste em um apanhado geral sobre os principais trabalhos já realizados, revestidos de importância, que fornece dados relevantes e atuais sobre o tema. O levantamento bibliográfico fundamentou-se nas seguintes palavras-chave: *bullying*, educação física escolar e violência escolar.

Após a análise minuciosa de todas as fontes indiretas, seguiu-se com a pesquisa direta, a de campo, definida, segundo Lakatos e Marconi (1992), tem a finalidade de conseguir informações e/ou conhecimentos acerca de um problema, o qual se procura uma resposta.

O referente trabalho é uma pesquisa de natureza qualitativa, definida por Thomas e Nelson (2002) como um método sistemático de investigação que segue um método científico de resolução de problemas, envolvendo observação longa e intensiva com registro detalhado do que acontece em determinado ambiente.

Como método de pesquisa, empregou-se a pesquisa descritiva, definida, segundo Thomas e Nelson (2002), como um estudo de *status* amplamente utilizado na educação e nas ciências comportamentais, com seu valor fundamentado na premissa de que os problemas podem ser resolvidos e as práticas, melhoradas por meio de observação, análise e descrição objetivas e completas.

Quanto à técnica da pesquisa de campo, foi utilizado um questionário, que, para Lakatos e Marconi (1992), é um instrumento de coleta de dados, constituído por uma série ordenada de perguntas que devem ser respondidas por escrito.

O questionário era composto por 14 perguntas e foi respondido apenas uma vez por 16 professores de Educação Física de seis diferentes

escolas públicas e privadas, em um período de aproximadamente quatro semanas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O *bullying* é um fenômeno tão antigo quanto à própria escola, e apresenta características comuns em todos os ataques, como: comportamentos produzidos de forma repetitiva em um período prolongado de tempo contra uma mesma vítima; relação de desequilíbrio de poder, o que dificulta a defesa da vítima; falta de motivos evidente.

Há relatos de que desde 1970 as escolas da Suécia junto com a sociedade buscavam investigar as causas, possíveis soluções e formas de prevenção do *bullying*. Na Noruega, o *bullying* veio à tona em meados de 1983, quando um estudante matou três alunos (de 10 a 14 anos) por conta dos maus-tratos sofridos pelos companheiros da escola (SILVA, 2009).

Em função desse acontecimento e de toda a manifestação gerada por ele, o Ministério da Educação da Noruega desenvolveu uma campanha nacional para prevenir e combater a violência no ambiente escolar.

Starling (2007) aponta que Dan Olweus investigou mais de 85.000 pessoas na mesma década, incluindo alunos, professores e pais de várias faixas etárias. Seus estudos foram fundamentais para definir regras, conscientização, envolvimento de pais e professores, apoio e proteção às vítimas. Os relatos ainda identificaram que a cada sete crianças uma estava envolvida diretamente com o *bullying*. Esse projeto conseguiu reduzir 50% dos casos de *bullying*, fato observado também em países como Canadá, Portugal e Reino Unido.

Fante (2005) relata que, em se tratando de dados internacionais, de 7% a 24% das crianças do mundo inteiro estão envolvidas diretamente com o fenômeno, sejam elas como vítimas ou agressoras.

No Brasil, o assunto vem ganhando cada vez mais destaque. Muitas escolas já utilizam métodos para prevenir as ações de vitimização; porém, ainda são poucos os estudos desenvolvidos nessa linha de pesquisa, não havendo, portanto, parâmetros que forneçam condições comparativas do fenômeno com os parâmetros mundiais. Em muitos lugares as ações ainda não são identificadas ou não são vistas como algo sério,

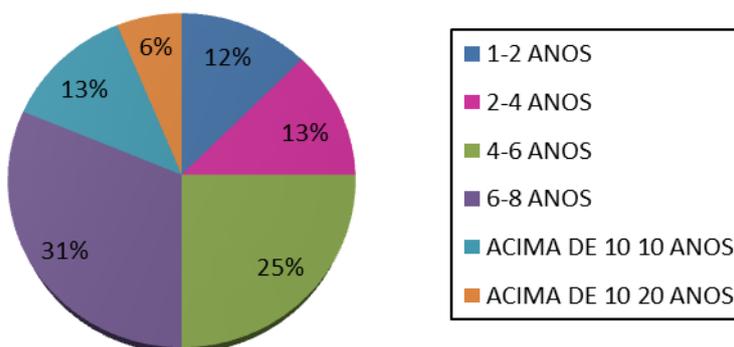
principalmente porque o assunto é tratado como brincadeira, como um fato normal da faixa etária (SILVA, 2009).

O *bullying*, segundo Almeida, Cardoso e Costac (2009), é um problema mundial, que vem ocorrendo em toda e qualquer escola, não se restringindo a um tipo específico de instituição (primária ou secundária, pública ou privada, rural ou urbana).

Tendo em vista tal realidade, este trabalho realizou um estudo em seis diferentes escolas

públicas e privadas, sendo entrevistados 16 professores (63% do sexo feminino e 37% do sexo masculino). Destes, sete têm idade entre 20 e 30 anos, seis têm entre 30 e 40 anos, dois têm entre 40 e 50 anos e somente um professor têm idade entre 50 e 60 anos. Cada um apresentava um tempo diferente de atuação como professor, conforme o Gráfico 1 a seguir.

Gráfico 1 - Tempo de atuação do entrevistado como docente.



25% desses professores se formaram em instituições públicas e 75%, em instituições particulares. 29% deles tinham mestrado e 71%, especialização.

Quando foi perguntado sobre o fato de já terem ou não sofrido *bullying* na época em que eram estudantes, 62% dos professores garantiram não ter sofrido desse mal, e 38% deles disseram que sim, que sofreram *bullying*.

Para Silva (2010), o *bullying* corresponde a um conjunto de atitudes de violência física e/ou psicológica, de caráter intencional e repetitivo, praticado contra uma ou mais vítimas. Dentre essas atitudes, a autora destaca as agressões, os assédios e as ações desrespeitosas.

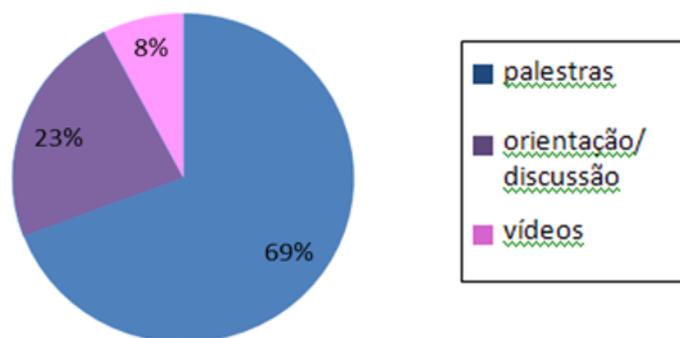
Cunha e Weber (2007) relatam em seus trabalhos que quando os professores tentam

interferir nas atitudes de *bullying*, estas permaneciam inalteradas ou até mesmo pioram pela falta de capacitação deles para abordar o problema.

Em função disso, o presente trabalho buscou saber dos professores se eles tiveram algum preparo ou capacitação para lidar com esse assunto, de modo que 60% dos professores responderam que sim e 40%, que não.

Para as respostas afirmativas, perguntou-se que tipo de preparo eles receberam. 69% dos professores disseram que participaram de palestras sobre o tema na própria escola, 23% foram orientados por meio de discussão nas ATPCs e 8% viram vídeos também nas ATPCs, conforme explicita o Gráfico 2 a seguir.

Gráfico 2 - Preparo e capacitação dos professores.



Para Almeida, Cardoso e Costac (2009), o preparo deve abordar como os professores devem agir diante dessas situações, pois, de acordo com Fante (2005), normalmente eles não sabem distinguir violência de brincadeiras próprias de cada idade.

Diversos estudos² sobre esse fenômeno assumiram nos últimos tempos proporções internacionais; entretanto, uma das dificuldades encontradas pela maioria dos pesquisadores está em encontrar termos que correspondam ao sentido da palavra *bullying* em cada idioma (FANTE, 2005).

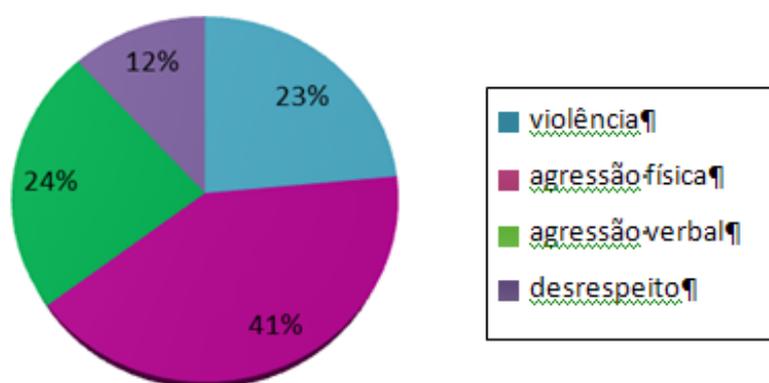
No Brasil, o termo adotado é *bullying*, que é, segundo Fante (2005), um conjunto de atitudes

agressivas, intencionais e repetitivas que ocorrem sem motivação evidente, de um ou mais alunos, contra outro(s), causando dor, angústia e sofrimento.

Em decorrência dos prejuízos sociais, psicológicos, acadêmicos e profissionais que o *bullying* pode causar, de acordo com Almeida; Cardoso e Costac (2009), percebeu-se a importância de se saber a opinião dos professores sobre o termo ou conceito mais adequado para o fenômeno *bullying*.

Conforme o Gráfico 3 a seguir, 41% dos professores (a maioria) define o *bullying* como agressão física, 24%, como agressão verbal, 23%, como violência e 12%, como desrespeito.

Gráfico 3 - Termo ou conceito mais adequado para o fenômeno bullying segundo os professores participantes da pesquisa.



²Autores como Nanse et al. (2001); Lopes e Saavedra (2003); Vossekui, Fein, Reddy, Borum e Nidzeksjeim (2002); DeSouza e Ribeiro (2005); O' Connell, Pepler e Craig (1999); Endresen e Olweus (1993), (2001); Endresen et al. (2001); Espelage e Swearer (2003); De Voe e Kaffenberger (2005); Ma (2002); Moffitt (1993); Fekkers, Pijipers e Verlore-Vanhorick (2005); Gofin et al. (2005) e De Voe et al. (2005) foram citados por Cunha e Weber (2007) por terem estudado o assunto em questão.

Pode-se verificar, portanto, que o termo *bullying* ainda é mal interpretado, visto que se distingue de outros tipos de agressão pelo seu caráter repetitivo, pela intenção de causar danos e prejudicar alguém. Além disso, a vítima é, em geral, alguém mais fraco ou que se encontra em uma posição diferente da maioria e que tem

dificuldade para se defender (ALMEIDA; LISBOA; CAURCEL, 2007).

Quando perguntado aos professores se eles conseguem identificar as ações de *bullying*, 81% responderam que sim, 19% responderam que às vezes e nenhum deles respondeu que não identifica. Isso é muito bom, considerando-se que o conhecimento dos educadores quanto à presença desse fenômeno favorece um diagnóstico precoce e uma intervenção mais bem planejada. Identificar esse fenômeno em sala de aula pode diminuir problemas relacionados à aprendizagem e aumentar a qualidade do ambiente de ensino (ALMEIDA; CARDOSO; COSTAC, 2009).

Segundo Fante (2005), a violência em todos os níveis de escolaridade têm aumentado nas últimas décadas. Com isso, comportamentos agressivos no contexto escolar, como agressões físicas (bater, chutar, tomar pertences) e verbais (apelidar de maneira pejorativa e discriminatória, insultar e constranger), têm sido cada vez mais estudados. Diante disso, perguntou-se aos professores com qual frequência ocorre *bullying* nas aulas de Educação Física, e 63% responderam que acontece às vezes e 37% disseram que sempre acontece.

Tratando-se da questão do gênero, o *bullying* é praticado por ambos os sexos, sendo que para os meninos são mais comuns as ações agressivas diretas, como empurrões, chutes e

socos, enquanto para as meninas, as ações de comportamento negativo e relacional, como exclusão, ameaça e difamação (STARLING, 2007).

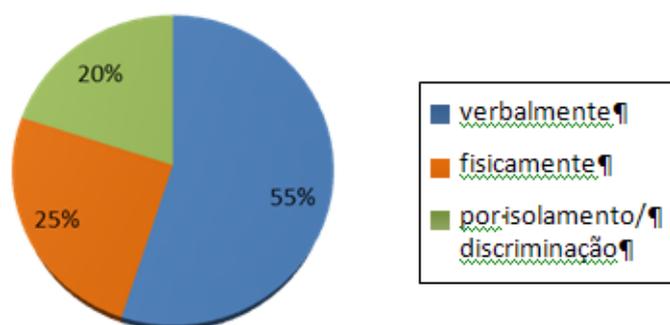
Nas escolas, de acordo com o CREF (2010), o *bullying* geralmente ocorre em ambientes com pouca ou nenhuma supervisão adulta. Sendo assim, as aulas de Educação Física, que costumam ter padrões menos rigorosos que em outras disciplinas, de modo que os alunos têm mais liberdade e, conseqüentemente, contato físico, é bastante comum a propagação desse fenômeno.

Segundo Silva (2010), o *bullying* pode ser expresso de diferentes formas:

- Verbal (insultar, ofender, xingar, apelidar, fazer gozações e piadas ofensivas).
- Físico e Material (bater, chutar, espancar, empurrar, ferir, roubar ou destruir pertences, atirar objetos contra as vítimas).
- Psicológico e Moral (irritar, humilhar, excluir, isolar, discriminar, chantagear e intimidar, perseguir, difamar, fazer intrigas).
- Sexual (abusar, violentar, assediar, insinuar).

No Gráfico 4 a seguir, é possível visualizar como ocorreram as agressões vistas pelos professores.

Gráfico 4 - Maneira como ocorrem as agressões vistas pelos professores.



De acordo com o Gráfico 4, 55% dos professores presenciaram o *bullying* por meio de ações verbais, 25%, por agressões físicas e 20% por discriminação e isolamento.

De acordo com estudos sobre o tema, brincadeiras de mau gosto, realizadas de forma esporádica, podem vir a se caracterizar como

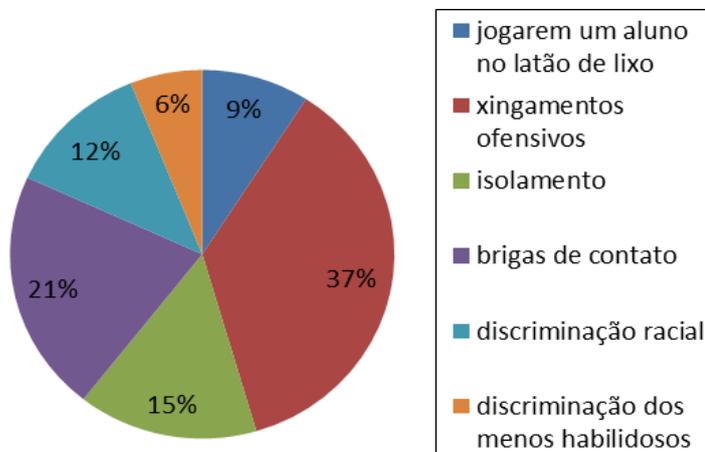
bullying ao longo do tempo à medida que as conseqüências dos episódios forem reforçadores positivos para o agressor.

As manifestações desse tipo de comportamento podem ocorrer por meio de insultos, intimidações, apelidos cruéis, gozações, acusações injustas, atuações de grupos que

hostilizam, ridicularizam e infernizam a vida dos outros alunos, levando-os à exclusão, além de danos físicos, morais e materiais (FANTE, 2005).

Diante disso, pediu-se para cada professor citar três exemplos de situações de *bullying* que eles já presenciaram.

Gráfico 5 - Situações de *bullying* presenciada pelos professores.



Dentre os exemplos, 9% disseram que viram jogarem um aluno dentro do latão de lixo, 37% já presenciaram xingamentos ofensivos, 15% relataram o isolamento das vítimas, 21% viram brigas de contato, 12% presenciaram a discriminação racial e 6%, a discriminação dos menos habilidosos.

Esses eventos de agressão e vitimização não devem ser considerados brincadeiras normais, pois podem causar prejuízos para o bem-estar físico e psicológico, interferindo de modo significativo no desenvolvimento das crianças e dos adolescentes (CUNHA; WEBER, 2007).

Pensando nestas consequências, perguntou-se aos professores qual a atitude deles em relação ao *bullying*.

Dos entrevistados, 65% disseram que conversaram com os alunos envolvidos e 35%, que os encaminharam para a direção/coordenação da escola.

Quando perguntado se algum aluno vítima de *bullying* já tinha pedido a ajuda deles, 54% dos professores responderam que sim e 46%, que não.

Foi solicitado para que o professor que já tivesse passado pela experiência de ajudar uma vítima descrevesse como foi sua ação, e 46% dos professores disseram que conversaram com os envolvidos, 31% encaminharam-nos à direção, 15% conversaram com a sala toda sobre o assunto e apenas 8% chamaram os pais para uma conversa.

Segundo Cunha e Weber (2007), quando há a intervenção de toda a comunidade escolar juntamente com os pais, a tendência é a de que as situações de *bullying* ocorridas na escola diminuam e até deixem de existir.

Silva (2009) relata as seguintes consequências dos efeitos do *bullying* dentro da escola tanto para as vítimas quanto para os espectadores: perturbação e ausência das aulas, problemas somáticos e psicológicos, tédio, ansiedade, depressão, queda no rendimento escolar, diminuição da autoestima, falta de perspectiva futura, descrença no poder público, entre outros. Assim, por mais que as ações de *bullying* diminuam ao longo do tempo, muitas vítimas levam as sequelas para a vida toda, como baixa autoestima, depressão e transtornos psicológicos.

Olweus, Limber e Mihalic (1999 apud STARLING, 2007) apontam que, para os agressores, muitas vezes prevalece o sentimento de satisfação, alegria, força, prestígio, popularidade, etc., o qual é conquistado às custas da vítima ou do grupo hostilizado. Os autores relatam ainda que, dos agressores identificados, pelo menos 60% foram condenados por um ou mais crimes quando adultos.

Perguntou-se aos professores se eles acham que os alunos têm consciência do que é o *bullying*

e das suas consequências. 56% acreditam que os alunos têm consciência do que é e quais as consequências do *bullying* e 44% acreditam que os alunos não têm essa consciência. Para Silva (2010), muitos não se preocupam com as regras sociais, com as necessidades do convívio coletivo e sequer se preocupam com as consequências que seus atos transgressores podem ocasionar aos outros.

De acordo com Marques (2011), medo de ir à escola, material escolar rasgado ou destruído, dinheiro da merenda roubado constantemente, enjoos e dores de cabeça nas horas que antecedem a ida para a escola ou antes da hora da saída ou do recreio, queda no rendimento escolar e vontade de mudar de escola podem ser sintomas de que o aluno vem sendo vítima de *bullying*.

Como consequência disso, muitas crianças, perseguidas e rotuladas negativamente, são excluídas de brincadeiras, times de futebol, grupos de trabalho, círculos de amizades, guardando, assim, lembranças negativas da época da escola (BOTELHO; SOUZA, 2007).

O *bullying* caracterizado pelo medo de frequentar a escola pode vir a se tornar uma fobia escolar, o que faz com que o indivíduo não consiga frequentar as aulas com regularidade, ocasionando problemas de aprendizagem, de frequência e até mesmo repetição por faltas (SILVA, 2010).

Quem sofre dessa fobia apresenta sintomas psicossomáticos e reações de pânico dentro da escola, ou seja, o aluno não consegue permanecer no ambiente, uma vez que as lembranças são traumatizantes (SILVA, 2010).

Outros transtornos podem aparecer no indivíduo vítima de *bullying*, como: depressão, fobia social, anorexia, bulimia, transtornos obsessivos compulsivos e, nos quadros mais graves, homicídio e suicídio.

No geral, as vítimas são alunos que apresentam pouca habilidade de socialização (são tímidos, reservados e não conseguem reagir ao comportamento dos provocadores) ou que apresentam algum destaque (são gordinhos ou magros, altos ou baixos demais, usam óculos, têm orelhas ou nariz um pouco mais destacados), ou seja, fogem do padrão imposto por determinado grupo (CREF, 2010).

Ainda segundo Silva (2010), as escolas precisam reconhecer a existência do *bullying* e tomar consciência dos prejuízos que ele pode trazer para o desenvolvimento socioeducacional dos alunos, além de capacitar seus profissionais para que possam identificar, diagnosticar, interferir e encaminhar adequadamente todos os casos ocorridos em suas dependências.

Considerando-se os professores entrevistados, 100% deles responderam que a direção da escola, em algum momento, já havia conversado com eles a respeito do assunto.

De maneira prática e objetiva, a escola deve procurar meios para se informar sobre as experiências e os sentimentos de seus alunos em relação ao *bullying* (SILVA 2010). Deve, portanto, refletir sobre esta prática inaceitável, que pode levar o indivíduo a desencadear problemas físicos e psicológicos.

CONCLUSÃO

De acordo com o presente estudo, que investigou as situações de ocorrência de *bullying* no ambiente da Educação Física, foi possível constatar que esta é uma prática comum, aliás, mais frequente do que se imagina, visto que ocorre em todas as escolas, independentemente de sua tradição, localização ou do poder aquisitivo de seus alunos.

A luta contra o *bullying* deve ser iniciada desde os primeiros anos de escolarização, para que as crianças se conscientizem do que realmente significa o *bullying*. Assim como a escola, os pais também devem orientar as crianças a fim de combater esse mal que atinge as escolas e que traz danos irreparáveis para as vítimas.

Com este estudo também foi possível verificar a atitude dos professores em relação a essas ocorrências durante as suas aulas, já que eles são fundamentais para a detecção precoce dos casos de *bullying*, sempre com o objetivo de diminuir ou eliminar os atos de violência dentro das escolas.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, S. B. de; CARDOSO, L. R. D.; COSTAC, V. V. *Bullying*: conhecimento e prática pedagógica no ambiente escolar. **Psicologia e Argumento**, Curitiba, v. 27, n. 58, p. 201-206, jul./set. 2009.
- ALMEIDA, A.; LISBOA, C.; CAURCEL, M. J. ¿Por qué ocurren los malos tratos entre iguales? Explicaciones causales de adolescentes portugueses y brasileños. **Revista Interamericana de Psicología**, p. 107-118, 2007.
- BOTELHO, G. R.; SOUZA, C. M. J. *Bullying* e Educação Física na escola: Características, casos, consequências e estratégias de intervenção. **Revista de Educação Física**, n. 139, p. 58-70, dez. 2007.
- CREF. O *bullying* nas aulas de Educação Física, **Revista EF**, São Paulo, ano 11, n. 37, p. 12-15, set. 2010.
- CUNHA, M. J.; WEBER, D. N. L. *Bullying* escolar e estilos parentais. In: STARLING, R. R. (Org.). **Sobre cognição e comportamento**. Santo André: ESETec Editores Associados, 2007.
- CUNHA, M. J.; WEBER, D. N. L. Agressão e vitimização entre pares: *Bullying* e suas relações com a depressão na adolescência. In: STARLING, R. R. (Org.). **Sobre cognição e comportamento**. Santo André: ESETec Editores Associados, 2007.
- FANTE, C. **Fenômeno Bullying**. São Paulo: Atlas, 2005.
- LAKATOS, M. E.; MARCONI, M. A. **Metodologia do trabalho científico**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1992.
- MARQUES, Carolina. **Manual ensina a identificar se seu filho está praticando ou é vítima de Bullying**. 2011. Disponível em: <www.extra.globo.com>. Acesso em: 17 abr. 2011.
- SILVA, A. B. B. **Mentes perigosas nas escolas: bullying**. São Paulo: Fontamar, 2010.
- SILVA, M. F. B. **A violência escolar (fenômeno Bullying) no contexto gestão e democrática**. 2009. Dissertação (Graduação em Pedagogia) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2009.
- STARLING, R. R. (Org.). **Sobre Comportamento e Cognição**. Santo André: ESETec Editores Associados, 2007.
- THOMAS, R. J.; NELSON, K. J. **Métodos de pesquisa em atividade física**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2002.